



BOLETIM

Apamvet

ISSN 2179-7110 • VOLUME 5 • Nº 1 • 2014

MEMÓRIA DA
VETERINÁRIA
PAULISTA:
APAMVET PREPARA
UM LIVRO SOBRE
A HISTÓRIA
DA MEDICINA
VETERINÁRIA NO
ESTADO DE S.PAULO



BEM-ESTAR ANIMAL:
BOVINOS, AVES,
PEIXES, SUÍNOS –
VISÃO DA
INDÚSTRIA



MEIO AMBIENTE:
CONSERVAÇÃO DO
LEONTOPITHECUS
CHRYSOPYGUS

3 EDITORIAL

MEMÓRIA VETERINÁRIA

- 4 APAMVET prepara um livro sobre a medicina veterinária paulista nos últimos 80 anos

NOTÍCIAS

- 4 Brasil autoriza a caça de javali-europeu
 5 Médicos veterinários participantes do II Curso de Capacitação
 6 3ª Conferência Mundial sobre Educação Veterinária da OIE para o NASF visitam o METRÔ de S. Paulo

BEM-ESTAR ANIMAL

- 8 Sustentabilidade
 10 Bovinos de corte
 12 Bovinos de leite
 15 Poedeiras
 20 Suínos
 20 Visão da indústria

MEIO AMBIENTE

- 22 Conservação do *Leontopithecus chrysopus*



Foto da capa
 Fotos gentilmente cedidas por
 Dra. Rita de Cássia Maria Garcia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Boletim APAMVET / Academia Paulista de Medicina Veterinária.
 -- n.1, (2010) -- São Paulo: APAMVET, 2010-
 v. il. ; 21 cm.

Quadrimestral
 ISSN 2179-7110
 Endereço online: www.apamvet.com

1. Medicina Veterinária – história. 2. Clínica veterinária.
 3. Produção animal. 4. Meio Ambiente

CDD 636098

"Depósito Legal na Biblioteca Nacional, conforme Lei nº 10.944, de 14 de dezembro de 2004"
 Ficha catalográfica elaborada de acordo com o Código de Catalogação Anglo-Americano (AACR2), pela Biblioteca Virgínie Buff D'Ápice Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo

PATRONOS E ACADÊMICOS DA APAMVET

- 1ª Cadeira Patrono René Straunard
 Acadêmico Alexandre Jacques Louis Develey
 2ª Cadeira Patrono Adolpho Martins Penha
 Acadêmico Vicente do Amaral
 3ª Cadeira Patrono Leovigildo Pacheco Jordão
 Acadêmica Arani Nanci Bomfim Mariana
 Patrono Pasqual Mucciolo
 Acadêmico José Cezar Panetta
 5ª Cadeira Patrono Ernesto Antonio Matera
 Acadêmico Eduardo Harry Birgel
 Patrono Mário D'Apice
 Acadêmico Aramis Augusto Pinto
 Patrono José de Fátis Tabarelli Neto
 Acadêmico Armen Thomassian
 8ª Cadeira Patrono Armando Chieffi
 Vaga
 9ª Cadeira Patrono Orlando Marques de Paiva
 Acadêmico Carlos Eduardo Larsson
 10ª Cadeira Patrono Osvaldo Domingues Soldado
 Acadêmico Olympio Geraldo Gomes
 11ª Cadeira Patrono João Barisson Villares
 Acadêmico Flávio Prada
 12ª Cadeira Patrono René Corrêa
 Vaga
 13ª Cadeira Patrono Euclides Onofre Martins
 Acadêmico Manoel Alberto Silva Castro Portugal
 14ª Cadeira Patrono Ângelo Vincenzo Stopiglia
 Acadêmico Benedicto Wladimir de Martin
 15ª Cadeira Patrono Adair Mafuz Saliba
 Acadêmico Paulo Magalhães Bressan
 Patrono Emilio Varoli
 Acadêmica Hannelore Fuchs
 Patrono Sebastião Nicolau Piratininga
 Acadêmico José Luiz D'Angelino
 18ª Cadeira Patrono Moacyr Rossi Nilsson
 Acadêmico Mário Nakano
 19ª Cadeira Patrono Dinoberto Chacon de Freitas
 Acadêmico Angelo João Stopiglia
 Patrono Sebastião Timo Iaria
 Acadêmico Luiz Brás Siqueira do Amaral
 21ª Cadeira Patrono Uriel Franco Rocha
 Acadêmica Irvênia Luiza de Santis Prada
 22ª Cadeira Patrono Geraldo José R. Alckimin
 Acadêmico Hélio Ladislau Stempniewski
 23ª Cadeira Patrono Romeu Diniz Lamounier
 Acadêmico Waldir Gandolfi
 24ª Cadeira Patrono João Soares Veiga
 Acadêmico Kenji Iryo
 25ª Cadeira Patrono Quineu Corrêa
 Acadêmico Zohair Salim Sayegh
 26ª Cadeira Patrono Décio de Mello Malheiros
 Acadêmica Mitika Kuribayashi Hagiwara
 27ª Cadeira Patrono Paulo Bueno
 Acadêmico Luiz Klinger dos Santos
 28ª Cadeira Patrono Carlos de Almeida Santa Rosa
 Vaga
 29ª Cadeira Patrono Plínio Pinto e Silva
 Acadêmico Vicente Borelli
 30ª Cadeira Patrono Raphael Valentino Riccetti
 Acadêmico José de Angelis Côrtes

BOLETIM DA ACADEMIA PAULISTA DE MEDICINA VETERINÁRIA

Editoria APAMVET
 Comitê Editorial Eduardo Harry Birgel
 Alexandre J.L. Develey
 José Cezar Panetta
 Arani Nanci Bomfim Mariana
 Waldir Gandolfi

Redatores Acadêmicos da APAMVET
 Jornalista responsável Regina Lúcia Pimenta de Castro (M.S. 5070)
 Diagramação RS Press Editora
 Rua Cayowaá, 228 – Perdizes
 CEP 05018-000 – São Paulo-SP
 Fone 11 3875 6296
 www.rspress.com.br

Impressão Companhia Lithographica Ypiranga
 Tiragem 25.500 exemplares

Apoio Conselho Regional de Medicina Veterinária do Estado de São Paulo – CRMV-SP

Redação ACADEMIA PAULISTA DE MEDICINA VETERINÁRIA
 Junto a SPMV – Avenida da Liberdade, 834 – 3º andar
 Liberdade – São Paulo-SP – CEP 01502-001
 Fone: 11 3209 9747 • Fax 3207.4505
 E-mail: apamvet@gmail.com
 Site: www.apamvet.com

Distribuição gratuita APAMVET Boletim é publicação oficial da Academia Paulista de Medicina Veterinária, dirigida aos médicos-veterinários do Estado São Paulo, cujo objetivo é o de informar sobre todas as áreas de especialização. Os trabalhos, comunicados, cartas, comentários, relato de caso para publicar no Boletim devem ser enviados para o e-mail spmv@spmv.org.br aos cuidados da Apamvet.

A IMPORTÂNCIA DO BEM-ESTAR ANIMAL PARA OS PROFISSIONAIS E A SOCIEDADE

Durante séculos os animais foram considerados como seres sem sentimentos e consciência, uma postura que afeta a forma como os animais são tratados até os dias atuais nos diferentes setores da sociedade.

Somente na agropecuária, cinco bilhões de animais são abatidos por ano para a produção de carne no Brasil. Para os animais utilizados em pesquisas e testes, não há um número oficial, o que pode significar a falta de controle nessa área. Quanto aos animais trabalhadores, especificamente os utilizados para carga e no entretenimento (rodeios, circos, etc), também não há um número oficial. Sobre os animais de companhia, mais da metade das famílias brasileiras possui pelo menos um, sem falar dos que vivem em situação de rua. Por fim, não se deve esquecer os animais vítimas do tráfico que movimentam milhões de reais no Brasil.

Pode-se considerar que o marco da ciência de bem-estar animal (BEA) foi em 1964, quando Ruth Harrison publicou o livro “Animal Machines” sobre como os animais de produção eram tratados. O governo britânico, pressionado pela sociedade, montou um Comitê para avaliar a situação dos animais de produção e fazer propostas para melhorias. No relatório final, o Comitê de Brambell, assim denominado, registrou pela primeira vez um conceito sobre bem-estar animal e que incluía pela primeira vez “os sentimentos dos animais”. Também propunha as cinco liberdades como uma forma de melhorar a vida dos animais mantidos para produção intensiva: livre para ficar em pé, livre para deitar-se, livre para virar-se, livre para limpar-se, e livre para esticar seus membros.

Posteriormente, em 1992, o Conselho Britânico de bem-estar de animais de produção aprimorou as cinco liberdades para : livre de fome e de sede, livre de desconforto, livre de dor, lesões e doenças, livre de medo e estresse, e livre para expressar o seu comportamento natural. As cinco liberdades foram e continuam sendo muito utilizadas em conceitos de bem-estar animal e também para estruturação de protocolos de avaliação do bem-estar das diferentes espécies animais.

A primeira disciplina de bem-estar animal surgiu em 1986, na Universidade de Cambridge. No Brasil, ao redor de 65% dos cursos de medicina veterinária e zootecnia no Brasil possuem a disciplina de BEA. Mas, disciplinas voltadas ao comportamento animal, conhecimento imprescindível para o entendimento do bem-estar, são raras.

Hoje o bem-estar animal é uma preocupação mundial crescente, tanto que a Organização Internacional para Saúde Animal (OIE) traz recomendações específicas no Código Terrestre de Saúde Animal. Mas há a necessidade de informações práticas para a implementação de programas efetivos para a melhoria do bem-estar animal. E isso envolve o conhecimento e capacitação dos profissionais na área. ■

M.V. Rita de Cassia Maria Garcia, MSc., PhD.

Pós -doutoranda

Departamento de Medicina Legal, Ética Médica, Medicina Social e do Trabalho

Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo

Rita de Cassia Maria Garcia [ritadecassiamariagarcia@gmail.com]

Memória da Veterinária Paulista

Segundo o filósofo dinamarquês Soren Kierkegaard, “a vida só pode ser vivida olhando-se para frente, mas só pode ser compreendida olhando-se para trás”. Seguindo este preceito, APAMVET começou a escrever e publicar o grande livro da história da medicina veterinária no Estado de São Paulo, baseado em vasta pesquisa bibliográfica, iconográfica e em depoimentos de dezenas de decanos da profissão espalhados pelo interior paulista e pelo país.

Para que essas e outras passagens autênticas da medicina veterinária paulista gerem efeitos benéficos para a sociedade brasileira, e não se percam inexoravelmente no tempo e virem estórias, como sempre destituídas de valor documental, é de extrema importância que as lideranças atuais da classe as preservem para as futuras gerações. A Academia Paulista de Medicina Veterinária, comemorando os **80 anos da fundação da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da USP**, a escola “célula mater” do ensino veterinário paulista, aproveitará as solenidades para lançar este livro, do tipo *coffee table book*, impressas em papel couchê fosco de alta gramatura. De formato grande, capa dura, lombada quadrada, colada e costurada, sobrecapas, guardas em papel color plus, é o estilo de

livro mais apropriado para publicações institucionais. O livro será distribuído inclusive para as 207 faculdades de Medicina Veterinária do Brasil.

Sem memória, não há cidadania.

Brasil autoriza caça de javali-europeu para conter danos à biodiversidade

Por clipping

O governo brasileiro deu aval nesta sexta-feira (1º) para iniciar a caça de javalis-europeus e de seu híbrido com o porco doméstico, popularmente chamado de java-porco, considerados animais exóticos que ameaçam a biodiversidade do país.

De acordo com instrução normativa publicada no “Diário Oficial da União” pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais (IBAMA), a decisão pelo abate para reduzir a população de javalis ocorreu após registro de ataques a humanos, a animais silvestres e domésticos, e danos a plantações e florestas.

Segundo Maria Izabel Gomes, bióloga coordenadora de fauna silvestre do IBAMA, a nocividade do javali foi declarada após a elaboração de estudos, os quais comprovaram que o animal da mesma família do porco não tem predador natural e está se proliferando rapidamente por diversas regiões do país, principalmente no Sul e na Amazônia.

Não há uma estimativa sobre a população desta espécie em todo país. No entanto, há cerca de 300 mil exemplares distribuídos entre o Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina. Há ainda registros na Bahia, Acre, Rondônia (os dois últimos são estados amazônicos), Rio de Janeiro e São Paulo.

“É um animal agressivo, territorialista, que ataca ovos de espécies como jacarés e tartarugas, além de cruzar com porcos domésticos (...). Não há casos de mortes humanas provocadas por javalis, mas é possível acontecer”, explica a bióloga.



VIRTUOSA ANIMALIA

A centenária história da medicina veterinária paulista e as suas importantes contribuições para o melhoramento da criação no país de animais de múltiplas funcionalidades.



Invasão

Os primeiros registros de introdução do javali-europeu para o Brasil são de 1904. Indivíduos trazidos da Europa para a Argentina e partes do Uruguai escaparam de seus criadouros e invadiram o território brasileiro pela fronteira. Em 1996 e 1997 foram realizadas importações de javalis puros, originários da Europa e do Canadá, para os estados de São Paulo e Rio de Janeiro.

No entanto, segundo o IBAMA, o escape de animais e a criação em ambiente selvagem fez do javali uma praga, que pode transmitir doenças para animais nativos.

Abate controlado

Maria Izabel explica que o abate poderá ser feito com o uso de arma de fogo ou com ajuda de armadilhas.

Poderão capturar javalis apenas pessoas que tiverem inscrição junto ao órgão, já que receberão um documento que deverá ser apresentado toda vez que houver o questionamento da fiscalização. O uso de arma de fogo só poderá ser feito por quem receber autorização do Exército Brasileiro.

O transporte de javalis capturados vivos não será permitido e a comercialização ou a doação desses produtos é proibida pela legislação sanitária e ambiental brasileira.

Segundo a técnica do IBAMA, o caçador deve ter atenção de não confundir o javali com outros animais nativos que são parecidos, como as queixadas e os catetos (ou catitus), também chamados de porcos-do-mato. O javali-europeu tem presas grandes, pode medir cerca de 1,3 metro e pesar entre 80 kg e 250 kg. (Fonte: Globo Natureza). N.R. O abate do “java-porco” também está incluído nesta. **A**

Médicos veterinários participantes do II Curso de Capacitação para o NASF visitam o metrô de São Paulo

Dra. Priscilla Jerez Moreira
(prijmv@gmail.com)
Dr. André Conrado

Faça dia ou faça sol, o METRÔ transporta diariamente 4 milhões de usuários para todas as zonas e regiões desta grande metrópole chamada São Paulo.

O fluxo é contínuo e intenso, passageiros, para irem a seus destinos, saem dos trens

que muitas vezes, são desconfortáveis, apertados, com plataformas lotadas na hora do rush, e nessa disputa por um lugarzinho no vagão, eles lembram que, apesar de tudo, vão demorar menos para chegar do que se andassem de carro ou pegassem um ônibus.

Mas como este sistema de transporte de passageiros mantém suas linhas seguras? Enquanto a população dorme, os funcionários da manutenção do METRÔ, principalmente os de controle de pragas e roedores trabalham incansavelmente de forma efetiva e eficaz para manter os trens, vagões, estações e vizinhanças com uma baixíssima população de animais sinantrópicos (ratos, baratas e outros).

A população, os frequentadores deste meio de transporte eficaz e rápido sabem de sua eficiência, entretanto, nem imaginam de como é realizado o controle destes animais nas estações e linhas do METRÔ.

E a classe Médico Veterinária, conhece esta área da



profissão? Assim, os médicos Veterinários-alunos do II Curso de Capacitação do NASF-SP, foram visitar o controle de pragas e roedores do METRÔ, para conhecer profundamente a árdua rotina destes funcionários com sua incansável tarefa pelas madrugadas de São Paulo para manter o METRÔ funcionando.

O encontro serviu para que os Veterinários ampliassem sua visão e conhecimento de como deve ser o controle rígido na área de vigilância sanitária.

Em uma madrugada fria de setembro, dentro das dependências do METRÔ, os alunos receberam uma palestra do Responsável Técnico, o Biólogo Wagner, com explicações sobre a estratégia adotada para esta atividade, princípios ativos para combater os animais sinantrópicos, e frequência de combate. No fim, os alunos seguiram para uma visita técnica para verem a prática do trabalho desta equipe eficiente. **A**

3ª Conferência Mundial sobre Educação Veterinária da OIE – Organização Mundial da Saúde Animal

Dr. Mario Eduardo Pulga
CRMV-SP 2715
Vice presidente do CRMV-SP
(mariopulga@hotmail.com)

Ocorreu em Foz do Iguaçu – PR, nos dias 4 a 6 de Dezembro de 2013 a 3ª Conferência Mundial sobre Educação Veterinária organizada pela OIE - Organização Mundial da Saúde Animal, com a colaboração do CFMV e do MAPA. O evento teve como tema “A Conferência Global sobre Educação Veterinária e o papel das Organizações na Medicina Veterinária”.

Como um dos representantes do CRMV – SP na conferência presenciamos o maior evento da OIE no mundo até então, com mais ou menos 1300 pessoas inscritas, onde tivemos a participação de colegas dos mais diversos países, tais como: Nova Zelândia, Brasil, Senegal, Jordânia, Bélgica, Vietnã, Namíbia, França, Tailândia, representação dos países do Leste Africano, Paraguai, Estados Unidos, Quirguistão, Uganda, Alemanha, entre outros.

Esta diversidade foi muito proveitosa para que países desenvolvidos e em desenvolvimento pudessem mostrar as suas experiências no tocante ao ensino da Medicina Veterinária, ficando patente a necessidade de uma harmonização do ensino veterinário, bem como o fortalecimento do papel dos órgãos reguladores da profissão.

Alguns países apresentaram uma realidade muito difícil onde, embora necessário, não existe o ensino

da Medicina Veterinária e por consequência a ausência de médicos veterinários e de órgãos reguladores.

Dentre as apresentações, a do Brasil chamou bastante atenção, na medida em que, com 207 escolas de veterinária no país, representamos 30% do efetivo mundial e aproximadamente 50% do efetivo das Américas.

Os Estados Unidos possuem 30, o México 52, o Canadá 5 e na Europa como um todo, dentre 38 países, há 100 escolas.

Alguns países defenderam a necessidade de um curso básico de 6 anos para que se possa incluir definitivamente temas atuais, até então não presentes em nossas grades curriculares, como por exemplo, bem-estar animal.

Alguns conceitos bem interessantes foram discutidos na Conferência, dentre eles:

Acreditação de instituições de ensino

Foi discutida a acreditação das escolas por parte da própria OIE e da UE e um modelo de *curriculum* básico. As creditações podem ocorrer de forma que as escolas que obtenham a devida aprovação fiquem sujeitas as visitas periódicas para manutenção do “status”. Pode ocorrer também a acreditação



Dr. Benedito Fortes de Arruda, presidente do Conselho Federal de Medicina Veterinária, organizador do evento, Dr. Bernard Vallat, diretor-geral da OIE e Dr. Mario Pulga, vice-presidente do CRMV-SP



condicional e finalmente a reprovação da instituição.

Day one

Foram apresentadas as recomendações da OIE com relação ao conceito “Day 1”, como sendo aquele em que mesmo considerando-se as enormes diferenças sociais, econômicas e políticas entre os países membros da OIE, incluindo os diferentes regimes de ensino veterinário e creditações existentes, se define as competências necessárias para o “dia 1” pós conclusão da graduação veterinária do formando, a fim de que este seja adequadamente preparado para exercer a profissão.

A educação veterinária é um dos pilares para garantir que o veterinário ao se formar, Day 1, apresente conhecimentos, atitudes, aptidões e habilidades para realizar tarefas que se relacionem com a promoção da saúde animal e pública.

Dentre as competências específicas foram assinaladas o domínio de: epidemiologia, doenças transfronteiriças, zoonoses, doenças emergentes e re-emergentes, medicina veterinária preventiva e programas de controle, higiene alimentar, conceitos sobre produtos veterinários, bem-estar animal, legislação veterinária, código de ética, certificações, e habilidades de comunicação.

Outras mais avançadas são : organização de serviços veterinários, certificação de procedimentos, manejo de doenças infecciosas, aplicação de análise de risco, pesquisa, entendimento de restrições referentes ao comércio internacional e administração.

Twinning programme

Já o conceito de “Twinning programme” ou programa de geminação em educação veterinária evoluiu de trabalho em curso da OIE, com base nas diretrizes da OIE sobre curriculum mínimo em educação veterinária, bem como sobre as recomendações da OIE sobre as competências relacionadas ao “Day 1” dos graduados, e sobre as lições aprendidas com o programa piloto de geminação da OIE. Este programa tem como objetivo criar, apoiar e facilitar o intercâmbio de conhecimentos, idéias e experiências entre os dois estabelecimentos de ensino veterinário. O “Twinning Programme” foi adotado pela OIE como um método para melhorar a capacidade e

experiência entre instituições de países desenvolvimento.

Espera-se que o programa crie oportunidades para esses países, melhorarem e modernizarem suas instalações e métodos educacionais, baseados em normas internacionalmente aceitas.

O objetivo final é o de criar mais centros de excelência de educação veterinária em áreas geográficas que atualmente são sub-representadas, a fim de se alcançar um maior equilíbrio na distribuição global de médicos veterinários bem formados.

Diante das realidades apresentadas faz-se necessária uma profunda e urgente discussão com relação ao ensino da Medicina Veterinária em nosso país, levando-se em conta experiências positivas adotadas em outros países, as recomendações da OIE, principalmente a acreditação de escolas de forma séria e efetiva como um fator de seleção das instituições de ensino, envolvendo o MEC, as entidades de classe e as comissões de ensino, entre outras. A

Sustentabilidade e bem-estar animal: sim, tudo a ver!

Prof. Augusto Hauber Gameiro

Laboratório de Análises Socioeconômicas e Ciência Animal

(www.facebook.com/LAE.FMVZ.USP)

Departamento de Nutrição e Produção Animal

Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia -

Universidade de São Paulo

gameiro@usp.br

Questionados sobre a eventual relação entre o que se entende por sustentabilidade e por bem-estar animal, usaremos este espaço no Boletim APAMVET para apresentar a minha visão sobre o assunto. Sem a pretensão de apresentar uma fundamentação formal e científica sobre o tema, irei apenas trazer algumas considerações empíricas a respeito.

Antes, porém, é preciso que uma premissa seja considerada: a de que nós, seres humanos, estamos em constante evolução, inclusive e principalmente, ética. Esta é a dimensão no complexo processo da evolução que nos interessa para o presente contexto. A Professora Terezinha Azerêdo Rios nos diz que ética é “o olhar agudo que procura descobrir os fundamentos dos valores, tendo como referência a dignidade humana e, como horizonte, a construção do bem comum”.

Em síntese, ética está relacionada, basicamente, à preocupação com algo além de si mesmo. Esse algo começa pelos familiares e se expande. Passa por outras pessoas próximas na sociedade, por outros seres desconhecidos da mesma espécie, por outros seres de espécies diferentes, e assim por diante, até chegar à preocupação com o planeta e o Universo. Talvez ainda estejamos no início remoto desse processo evolutivo, mas é fato que estamos em progresso. Particularmente, entendo que se trata de um processo contínuo, irreversível e, mais ainda, que se acelera com o tempo, em especial pela capacidade de aprendizado coletivo e da capacidade de transmissão de herança social, características essas que diferenciam o ser humano dos demais animais.

Ainda sobre a premissa da evolução ética, é necessário considerar que – diferentemente do que muitos críticos pensam – o ser humano tende a se preocupar

mais com os outros naturalmente e não apenas como consequência de uma necessidade de sobrevivência ou de utilidade. Para exemplificar, a defesa de políticas de redução de emissão de gases de efeito estufa é de fácil compreensão, porque se não o fizermos, correremos o risco de vivermos em um mundo de clima mais quente. Por outro lado, podemos nos preocupar com o risco de extinção do *Cheilinus undulatus*, que é um peixe oceânico que vive em corais na costa leste da África, sem termos muita (ou mesmo nenhuma!) ideia do porquê a existência dessa espécie seria importante para nós. Talvez sua existência até nem tenha importância prática alguma, mas poderia ter uma importância ética para algumas pessoas, e esta deve ser considerada. É essa ética “sem fins utilitários” que me parece cada vez mais relevante e que não pode ser desconsiderada nem desrespeitada. Em síntese, podemos nos preocupar com o outro, sem termos nenhum interesse direto com isso. Mas, mesmo assim, nos preocupamos; queremos o seu bem, como falamos coloquialmente. Por que cuidar? Porque fazer o bem nos faz bem, e basta.

Apesar de a ciência já nos ter dado evidências desse processo de evolução, não faz muito tempo que as instituições mundiais reconheceram-no, ao propor políticas mundiais para o desenvolvimento do bem comum. No início dos anos 1990, a FAO, Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura, lançou sua concepção sobre sustentabilidade para contemplar a garantia da obtenção e satisfação continuadas das necessidades humanas para a geração atual e para as futuras gerações. A preocupação com o ambiente e, consequentemente, com as gerações futuras que dele dependerão, estava no foco.

Atualmente, a teoria de sustentabilidade da FAO contempla a garantia dos direitos e do bem-estar humanos, sem reduzir a capacidade do planeta em manter a vida e sem ocorrer às custas do bem-estar de outros. Pode parecer pequena a mudança de concepção nesses vinte e poucos anos, mas não é. Fala-se de bem-estar humano, capacidade do planeta em manter a vida e bem-estar dos outros. Observa-se que “necessidade” foi substituída por “bem-estar”. Houve, portanto, uma expansão significativa da concepção de sustentabilidade, em pouco tempo. Parece-me mais uma demonstração do reflexo da nossa evolução.

Mas e o bem-estar animal, como se insere no contexto?

A própria FAO desenvolveu toda uma política em prol do bem-estar animal (visite: <http://www.fao.org/ag/againfo/themes/animal-welfare/en/> para melhor conhecê-la).

Existem paradoxos significativos para serem trabalhados na busca pela sustentabilidade, imaginando-se que o bem-estar animal está inserido nesta concepção.

De um lado, ainda temos 12,5% da população mundial que passa fome crônica (desnutrição estrutural). Sem querer endossar o discurso batido de que temos que acabar com a fome do(a) quem doer(ambiente, animais etc.) porém, de uma visão eminentemente pragmática, animais continuarão sendo fonte importante para o suprimento humano. Por outro lado, o aumento de renda de outra parte significativa da população – inclusive no Brasil – tem permitido que pessoas optem por dietas alternativas, que poupam certos impactos ao ambiente, inclusive sobre os animais. Temos, portanto, uma sociedade extremamente heterogênea, com necessidades, anseios e níveis de bem-estar diferentes, mas o fato é que o mundo é um só. E que, portanto, temos que estabelecer acordos entre os diferentes grupos sociais, sempre na tentativa de nos pautar por respeito, democracia, racionalidade e, principalmente, ética. Conflitos e tensões continuarão ocorrendo e teremos que saber lidar com eles.

Os segmentos produtores terão cada vez mais que se preocupar com as exigências éticas dos consumidores. Estes, por sua vez, também precisam compreender a complexidade existente por traz de um processo produtivo, especialmente o agropecuário. Há exageros dos dois lados: atrocidades acontecem todos os dias em fazendas e agroindústrias; mas preconceitos irracionais e exagerados também estão diariamente nas falas e ações de consumidores, especialmente os dos grandes centros urbanos, que desconhecem a complexidade da natureza e de sua exploração. Não há vilões ou mocinhos. Consumidor culpar produtor é um equívoco dos

mais perversos, mesmo porque não haveria produção se não fosse para atender ao consumo (uma das leis mais básicas da economia). Precisamos sim, melhorar a comunicação entre os diversos segmentos da sociedade. Colocar as cartas na mesa, dispondo-se para um diálogo aberto e transparente.

Parece-me que o acesso ao conhecimento, especialmente pelo avanço tecnológico nos meios de comunicação, será um fator cada vez mais decisivo no contexto. Informações poderão ser utilizadas para esclarecer as pessoas, para que possam tomar decisões mais esclarecidas e racionais. Marcas e produtos “mais éticos” certamente ganharão espaço. Campanhas “pró” ou “contra” alguma coisa serão cada vez mais recorrentes. E são muitíssimo bem vindas.

Os cientistas terão papel central nesse processo de revisão de sistemas produtivos. Novas tecnologias surgirão para pouparem recursos escassos. Não terão apenas que buscar tecnologias mais produtivas, como faziam (e a maioria ainda faz) até então. Terão que buscar produtividade associada à menor impacto ambiental e maior preocupação com a qualidade de vida dos animais. Paulatinamente estamos começando a presenciar o surgimento de grandes projetos de pesquisa multidisciplinares, alguns na grande área da Zootecnia e Recursos Pesqueiros.

Mas não está apenas na ciência a estratégia para seguirmos em busca do desenvolvimento e da evolução. Tento defender a tese de que, com o estoque de conhecimento que já temos, poderíamos – e muito – melhorar o bem-estar de milhares de animais de produção. Ainda temos problemas evidentes de má-nutrição, sanidade, ambiência, manejo e gestão, em todos os cantos do país, em todas as espécies. Já dispomos de soluções conhecidas, mas que, na prática, não aplicamos, independentemente do motivo. Jogar toda a responsabilidade da sustentabilidade e do bem-estar animal na ciência é um exagero e mesmo uma injustiça. Nós, técnicos, temos uma enorme responsabilidade no cotidiano. Responsabilidade de garantir condições mínimas de uma vida decente para os animais. Em muitas situações do dia a dia, sabemos como agir, mas nem sempre o fazemos da melhor forma.

Está na mão de todos nós a busca por um mundo mais sustentável, mais ético. Precisamos de mais respeito a nós mesmos, aos próximos, aos animais, e ao ambiente. É um processo que está acontecendo. E assim continuará. Talvez em um ritmo muito lento, para os mais ativistas. Talvez em um ritmo muito rápido, para os mais conservadores. Mas continuará. Ainda bem!

A

BOVINOS DE CORTE

Os técnicos e o bem-estar na produção de bovinos de corte

Zootecnista Murilo Henrique Quintiliano

Diretor Executivo da FAI do Brasil Criação Animal Ltda.

Integrante do Grupo ETCO

No desenvolvimento do conceito do bem-estar na produção animal como ciência, a participação de pesquisadores, técnicos e da cadeia produtiva tiveram papéis distintos, sendo cada um com sua relevância e em seu tempo. A determinação da comprovação científica de que as diferentes estratégias de produção e os manejos impostos interferem na capacidade que os animais possuem de se adaptar ao ambiente em que são criados, foi o primeiro passo para o entendimento de que, é necessário, levarem conta não somente os aspectos relevantes à nutrição, sanidade e genética dos animais, mas também aqueles ligados à capacidade de expressão dos comportamentos naturais do indivíduo em seu ambiente. Após a pesquisa, que é constante e dinâmica, e com as novas soluções para os diferentes sistemas produtivos sendo divulgadas a todo o momento, a validação no dia-a-dia da produção é fundamental para que as descobertas sejam aplicadas (com as respectivas adaptações), e os resultados sejam colhidos. Durante a validação, o convencimento de todos os envolvidos de que é possível, através de técnicas eficientes de manejo, melhorar o bem-estar dos animais e a produtividade, faz-se um dos aspectos mais importantes de todo o processo de mudança de atitude, que é o fundamento da aplicação de boas práticas de manejo na produção de bovinos de corte.

É comum associar-se a dificuldade de transferência de conhecimento de novas estratégias de manejo, às pessoas participantes do processo de mudança com menor grau de instrução ou aquelas que, devido à idade, supostas tradições e fatores culturais, não aceitam mudanças em suas rotinas. Esse pré-conceito, pode ser um dos fatores que atrapalha a expansão de

estratégias diferenciadas de trabalho no meio rural. Na prática, uma barreira importante para a introdução de novos conceitos parte justamente, do técnico, isto é, pessoas com formação secundária ou universitária na produção agropecuária.

A estratégia de mudança adotada por diversos grupos de extensão, dentre eles o Grupo de Pesquisas em Etologia e Ecologia Animal (Grupo ETCO/UNESP Jaboticabal) trata as questões relativas ao bem-estar na produção animal como associadas à redução de custos, de perdas e aumento da produtividade, por exemplo a redução de 50% de hematomas em carcaças, simplesmente melhorando o manejo no momento do embarque; esse resultado permite ganhos não somente no rendimento de carcaça, mas também na melhoria da qualidade da carne. Outro exemplo é diminuição da mortalidade de bezerros devido a melhoria dos manejos de bezerros recém-nascidos.

O convencimento do produtor (que é diretamente beneficiado economicamente pelas mudanças), com argumentos como este, é simples e rápido. No caso dos trabalhadores, como vaqueiros, a adoção de novos tipos de manejo trazem maior segurança, menor cansaço e maior rendimento do trabalho, fazendo com que eles sintam-se estimulados a realizar o novo manejo da melhor maneira possível. Dados de coletados por uma grande fazenda produtora de bovinos do interior paulista demonstram que a aplicação do manejo racional, isto é, a ação com a aplicação do conhecimento adquirido em cursos e treinamentos pelos funcionários, reduziu os dias de afastamentos dos vaqueiros por acidentes em 80%. Isto para uma propriedade com 12 retiros e mais de 30 vaqueiros, faz muita diferença, seja ela econômica ou social.

Capacitação dos técnicos em curso de Manejo Racional de Bovinos de Corte



Quando falamos de frigoríficos, a necessidade de atender a mercados que acreditam que o produto oriundo de animais manejados com cuidado possuem melhor qualidade, faz com que eles pratiquem e incentivem seus fornecedores a aplicar as boas práticas. Pesquisas recentes demonstra que, no Brasil mais de 80% do consumidores acreditam que o bem-estar animal é importante ou muito importante, e 68% dos europeus pagariam mais caro por produtos ligados ao bem-estar dos animais.

A dificuldade de convencimento de técnicos (devido à notória pré-disposição a refutar qualquer atividade ou informação que discorde de sua formação

original) pode criar barreiras importantes à aplicação dos conceitos de bem-estar na produção animal. O reduzido número de universidades que possuem em seu currículo as disciplinas de comportamento e bem-estar dos animais de produção é um dos fatores que auxiliam para que este fato ocorra até o momento.

O técnico, deve procurar o conhecimento científico e prático, já existente, para que ele, por si só, componha uma opinião sólida e consistente, auxiliando todos os envolvidos nos processos produtivos da carne a implantarem as boas práticas e melhorarem o bem-estar na produção. É importante que a informação seja transmitida e chegue a todos de maneira clara e direta. É de extrema importância que os técnicos saibam, além de apontar, resolver problemas, sejam eles ligados direta ou indiretamente aos animais, tendo em mente que, de qualquer maneira elas irão afetar o resultado final.

A busca constante por lucratividade deve passar por todos os aspectos relevantes aos sistemas produtivos atuais, a economia, o meio ambiente e a ética, sendo que as questões relativas ao bem-estar animal estão ligadas diretamente a todas elas. Um bom técnico, é aquele que além de conhecer, aplica e, além de aplicar, convence. A

É importante que o técnico saiba que:

O bem-estar é uma ciência, e como tal possui informações consolidadas a respeito;

Preocupar-se com o bem-estar dos animais traz benefícios à produtividade;

Entender as dinâmicas de cada sistema de produção e como novas estratégias de manejo se adaptam a elas é essencial;

Ele é um dos principais disseminadores de tecnologia e precisa estar atualizado;

Bem-estar e sustentabilidade na fazenda são demandas do mercado consumidor, e desenvolver novos mecanismos para que sejam atendidas é fundamental;

Além do conhecimento técnico, a eficiência em reproduzir e disseminar o conhecimento é importante.

BOVINOS DE LEITE

Mais carinho no manejo de bezerros leiteiros: uma experiência bem sucedida*

Lívia Carolina Magalhães Silva e
Mateus J. R. Paranhos da Costa

Grupo ETCO - Grupo de Estudos e Pesquisas em Etologia e Ecologia Animal, Departamento de Zootecnia, FCAV-UNESP, 14884-900, Jaboticabal-SP, Brasil.

*Texto publicado no site da Milkpoint 25/01/2007

A criação de bezerros leiteiros, principalmente do nascimento ao desaleitamento, exige boas práticas de manejo e muita atenção a detalhes. Estima-se que 75% das mortes de bezerros ocorrem até 28 dias de idade, sendo bem conhecido que a saúde e o crescimento de bezerros são dependentes de fatores que ocorrem antes, durante e logo após o parto.

Em muitas fazendas leiteiras, mesmo dentre aquelas que utilizam tecnologias inovadoras para alimentação e produção de leite, existem situações que colocam o bem-estar dos bezerros em risco, e que podem resultar também em perdas econômicas. Por exemplo, falhas na ingestão de colostro podem resultar no aumento das taxas de morbidade e de mortalidade. Muitas vezes essas falhas (ou sucessos) dependem das ações das pessoas responsáveis pelo manejo, é evidente que há uma tendência para redução do tempo despendido em interações positivas entre as pessoas e os animais.

Há ainda a predominância de interações aversivas, geralmente associadas a certos manejos (como, por exemplo, transporte, medicação, vacinação, etc). Esta combinação, pouca interação positiva e muita interação negativa, geralmente levam os animais a desenvolverem estados emocionais negativos, como o de medo em relação ao homem, com conseqüências negativas sobre seu bem-estar e suas repostas produtivas (Lensink,

2002). Assim, o entendimento das relações entre nós (humanos) e os animais é muito importante para orientar as ações desenvolvidas no âmbito da produção animal, pois têm efeito direto na definição de estratégias de produção que irão influenciar tanto o bem-estar dos animais e a satisfação dos trabalhadores, quanto os resultados produtivos e econômicos da atividade.

O conceito de bem-estar é muitas vezes mal compreendido, em geral é assumido como o estado de perfeito equilíbrio físico e emocional de um dado animal com seu ambiente; esta concepção não leva em conta a condição de que há muitos estágios no sentir-se bem. De fato em nossa opinião na prática é pouco provável encontrarmos um animal em estado de absoluto bem-estar.

Assim, assumimos ser melhor a definição apresentada por Broom e Johnson (1993) em que bem-estar é definido como estado de um organismo durante suas tentativas de se ajustar com o seu ambiente. De acordo com este conceito o bem-estar envolveria, em termos de qualidade de vida, todas as situações, desde aquelas que colocam a vida do animal em risco até outras em que ele estaria em plena harmonia com seu ambiente, portanto não sendo sinônimo de “estar bem”.

Um ponto importante, no desenvolvimento de ações que promovam (melhorem) o bem-estar animal, é buscar o conhecimento do comportamento do animal de interesse. No caso dos bovinos é importante saber que são altamente gregários, assim o alojamento de bezerros leiteiros em grupos, ao invés de individualmente, seria um passo importante em direção da melhoria de seu bem-estar (Bouissou et. al., 2001). Esta idéia encontra respaldo em outros autores, por exemplo, Nussio (2006), afirmou que muito embora a disseminação de doenças e o controle do consumo de ração sejam prejudicados, a criação de bezerros em

grupos pode trazer algumas vantagens tanto para os animais como para produtores.

Uma destas vantagens seria a possibilidade de interação social mais cedo, muito importante para o desenvolvimento de comportamento social normal. Outra vantagem é maior espaço físico disponível para o animal, quando comparado a bezerros criados individualmente, o que também promoverá a expressão de comportamentos naturais com maior frequência. A criação de bezerros em grupos também pode reduzir a necessidade de mão de obra relacionada ao tempo para a alimentação dos animais, assim como a limpeza de baias individuais ou transporte de casinhas. Porém, interação humano-bezerro pode diferenciar-se quando comparado com alojamento em grupo e alojamento individual.

Uma experiência interessante nesse sentido está sendo desenvolvida pelo nosso grupo (Grupo ETCO) na Fazenda Germânia, localizada em Taiaçu-SP, que tem um rebanho de 330 vacas em lactação e uma média de 20 nascimentos de bezerros/mês. Nesta fazenda a ocorrência de doenças (principalmente diarreia e pneumonia) e a taxa de mortalidade de bezerros eram muito altas; os bezerros eram mantidos em baias individuais e havia pouca interação positiva com os tratadores.

Este tipo de manejo, denominando manejo tradicional (MT) continuou sendo aplicado a um grupo de bezerros e um outro grupo recebeu o manejo racional que envolvia, dentre outras coisas, uma maior frequência de interações positivas com as tratadoras e a criação em grupo (coletiva). Num curto espaço de tempo (menos de 30 dias) foram notadas mudanças expressivas, com decréscimo do uso de medicamento e na taxa de mortalidade. A partir dessa experiência os responsáveis pela fazenda resolveram adotar o manejo racional como rotina.

Com base no levantamento de dados da fazenda do período de setembro de 2004 a agosto de 2006 foi possível fazer uma comparação entre os dois tipos de manejo, caracterizando o período I (setembro de 2004 a agosto de 2005) como o de prevalência do manejo tradicional (MT) e o período II (de setembro de 2005 a agosto de 2006) como o de prevalência do manejo racional (MR).

No MT os bezerros eram alojados até 30 dias de idade em baias individuais (1,5 x 0,75m) instaladas dentro de um galpão (Figura 1), cujo piso era coberto com fina camada de maravalha; os bezerros recebiam em média 5 litros de leite por dia (em duas mamadas) em baldes individuais e havia oferta de ração concentrada e água a vontade. Posteriormente eram transferidos para casinhas tropicais (Figura 2), onde permaneciam até a desmama (por volta de 70 dias de idade). Nesta instalação a ração concentrada era oferecida duas vezes ao dia, com a inclusão de feno na dieta, sendo que a água era fornecida à vontade.

No MR os bezerros até 30 dias de idade eram mantidos no mesmo galpão, aumentando-se as dimensões das baias, que passaram a ser de 1,5 x 1,5m com o piso coberto por capim seco, com pelo menos 10 cm de cobertura (Figura 3); além disso, o leite passou a ser fornecido em baldes com bico (para o bezerro sugar) e enquanto mamavam eram escovados pelas tratadoras até terminarem de mamar.

Foram adotados os seguintes procedimentos de manejo: nos cinco primeiros dias de vida os bezerros recebiam colostro à vontade (da mesma forma que durante o MT, sendo no primeiro dia recebiam o colostro da própria mãe e nos quatro dias restantes era utilizado o banco de colostro da fazenda); do 5º ao 20º dia era fornecido 6 litros de leite/bezerro/dia, em duas mamadas por dia. Do 20º ao 30º dia a quantidade de leite diminuiu para 5 litros/dia; após a mamada da manhã os bezerros eram soltos em um piquete (Figura 4). Os bezerros entre 1 e 15 dias de idade permaneciam no piquete somente pela manhã, e retornavam para o galpão por volta de 11h, enquanto que os bezerros mais velhos permaneciam o dia todo no piquete, indo para o barracão somente por volta de 17h. A ração concentrada e água estavam disponíveis à vontade no piquete e nas baias individuais.

A partir do 30º dia os bezerros eram transferidos para um piquete, onde permaneciam até a desmama, por volta de 70 dias. Neste piquete havia uma pequena área coberta, onde ficava situado o cocho para oferta de alimentos, neste local recomendava-se a colocação de cama (capim seco) que deveria ser mantida sempre limpa e seca.

Entre 30 e 55 dias de idade os animais recebiam 4 litros de leite/dia, ainda em duas mamadas, com



Figura 1. Bezerra alojada em baia individual



Figura 3. Bezerra alojada em baia individual



Figura 2. Bezerra alojada em casinha tropical



Figura 4. Bezerros soltos nos piquetes após a mamada

decréscimo progressivo até a desmama (com 3 litros entre 55 e 60 dias de idade já em apenas uma mamada, 2 litros de 60 a 65 dias e apenas 1 litro entre 65 e 70 dias de idade. O aleitamento nesta instalação também foi feito em balde com bico, e a escovação individual nos bezerros durante a mamada era mantida.

Ração concentrada e feno eram fornecidos duas vezes ao dia e os bezerros dispunham de água a vontade.

Com a adoção do manejo racional houve expressiva redução nas mortes de bezerros, de $6,67 \pm 3,85$ para $2,25 \pm 2,21$ mortes por mês para os manejos tradicional e racional, respectivamente (Teste t emparelhado: $t=3,11$; $GL=11$; $P=0,01$). Bem como, foi menor a frequência de uso de antibióticos, de $36,42 \pm 14,71$ para $18,51 \pm 14,78$ tratamentos por mês para os manejos tradicional e racional respectivamente (teste t emparelhado: $t= 2,4$; $GL=11$; $P=0,035$).

Além disso, ficou evidente que os bezerros submetidos ao manejo racional se mostravam mais ativos e vigorosos. Assim, além da melhoria dos índices de produtividade, o manejo mais íntimo e positivo com

os bezerros possibilitou a obtenção de características comportamentais desejáveis.

Assim, concluímos que mudanças simples de instalações e de manejo podem melhorar as condições de vida de bezerros leiteiros, com reflexos positivos na sua saúde e taxa de sobrevivência. Para tanto devemos tratar cada bezerro como se fosse único, dedicando-lhe atenção e carinho.

BIBLIOGRAFIA

- Broom, D.M., Johnson, K.G., 1993. Stress and animal welfare. Chapman & Hall, London, 211pp
- Lensink, B. J., 2002. A relação homem-animal na produção animal. I Conferência Virtual Global sobre produção orgânica de Bovinos de Corte, 02 de setembro à 15 de outubro - Via Internet.
- Nussio, C.M.B.; Comportamento ingestivo de bezerros leiteiros criados em grupos, disponível em www.milkpoint.com.br, com acesso no dia 06/07/2006.

AVES DE POSTURA

Bem-estar de poedeiras: caminhos a serem percorridos

Fabiola Fernandes Schwartz

Medica Veterinária, Mestre em Agroecologia e Desenvolvimento Rural, sócia proprietária da SFS Boas Práticas Agropecuárias Ltda. sfs.agroecologia@gmail.com

A produção de ovos no Brasil foi de 31,77 bilhões de unidades em 2012 (UBABEF, 2013). A cadeia produtiva de ovos no Brasil se caracteriza pela produção para consumo, predominantemente “in natura”, 94,47% e processados, 5,53%. A maior parte da produção é comercializada no mercado interno 99% (UBABEF, 2013).

No Brasil, o consumo de ovos, atualmente, gira em torno de 162 unidades per capita por ano; quantidade baixa quando comparada com outros países, como, por exemplo, a Colômbia, com 228 unidades per capita, ou o México, com um consumo de 360 ovos per capita ao ano (UBABEF, 2013).

Com espaço para crescimento tanto no mercado interno, quanto para exportação e visando a sua inserção definitiva no mercado mundial de ovos e produtos a base de ovos, o setor tem implementado programas de boas práticas de produção, em especial as que visam a preservação do meio ambiente, bem como o bem-estar animal e dos trabalhadores, focos da demanda de consumidores, principalmente no mercado internacional (UBA, 2008).

Atualmente no país predomina o uso de gaiolas convencionais, com espaço de 300 a 400 cm² por ave, sendo a maioria dos produtores de pequeno e médio porte, que trabalham com galpões abertos, existindo grandes produtores que partem para a adequação climática e automação de suas instalações (UBA, 2008).

Frente a esse cenário, que lições podemos tirar do acompanhamento da evolução, de 13 anos, da implantação da Diretiva 1999/74 da União Europeia?

Segundo esta Diretiva de 19 de julho de 1999, que estabelece normas mínimas relativas à proteção das galinhas poedeiras a partir de 1º de janeiro de 2012, ficou proibida a criação de galinhas poedeiras em gaiolas não enriquecidas.

A Diretiva estabeleceu uma adequação gradual aos seus requisitos, a saber:

- A partir de 1º de janeiro de 2002, nas instalações de criação em sistemas alternativos (as instalações construídas reformadas, reconstruídas ou colocadas em serviço pela primeira vez) a densidade animal não deveria ultrapassar nove galinhas poedeiras por m² de superfície utilizável, além de outras adequações quanto a espaço em comedouros, bebedouros, poleiros, número de ninhos, etc;
- Para criações em gaiolas não enriquecidas, a partir de 1º de janeiro de 2003, todas deveriam dispor de, pelo menos, 550 cm² de superfície da gaiola por ave; sendo proibida a construção ou a colocação em serviço de gaiolas não enriquecidas; ficando, a partir de 1º de janeiro de 2012, proibida este tipo de criação; e
- Para a criação em gaiolas enriquecidas, a partir de 1º de janeiro de 2003, todas deveriam dispor de pelo menos, 750 cm² de superfície da gaiola por ave, um ninho, caixa de areia e poleiro (figura 1).

Em 2008, estudos preliminares da Comissão das Comunidades Europeias (CCE) e indústrias do setor de produção de ovos (CEE, 2008) analisando os potenciais impactos da aplicação dos requisitos da Diretiva sobre os custos de produção e competitividade dos produtores da União Europeia (UE) indicavam que os custos de produção na UE, tanto variáveis quanto fixos, aumentariam, podendo atingir cerca de 10% em comparação com os sistemas de gaiolas não enriquecidas.

Ainda segundo a CEE (2008), as margens brutas do produtor por quilograma de ovos aumentariam pela transição de gaiolas não enriquecidas para instalações indoors e para os sistemas de criação ao ar livre. Nos sistemas de criação ao ar livre, as margens brutas do produtor seriam o dobro das registradas nos sistemas de gaiolas não enriquecidas. Nos sistemas orgânicos, as margens brutas não seriam tão elevadas como nos sistemas de criação ao ar livre. Essa análise revelou ainda que, apesar do aumento das margens brutas a produção global por exploração poderia diminuir.

Dois anos após, a Resolução do Parlamento Europeu (CEE, 2010), menciona que os custos de produção suportados pelos produtores de ovos que migraram para gaiolas enriquecidas eram de 8% a 13% superiores em comparação com os dos produtores que usavam gaiolas convencionais e que a diferença nos rendimentos daí resultante era estimada entre os 3% e os 4%.

Em episódios recentes, em agosto de 2013, produtores de ovos franceses fizeram manifestos contra a baixa remuneração de seus produtos. Segundo eles, o custo de seus produtos é 30% maior do que o atual preço de venda. Esta crise foi desencadeada fundamentalmente pelo excesso de produção (AVISITE, 2013).

Contradizendo então todas as expectativas de recuo na produção ou oferta aquém da demanda, devido à menor lotação dos galpões de aves de postura, impostos pela Diretiva, houve o surgimento de excedentes. Ao investirem em novas instalações, os produtores ampliaram a capacidade instalada e, as gaiolas enriquecidas, ao aumentarem o bem-estar das aves, propiciaram um aumento na produtividade das poedeiras alojadas, ao redor de 5% a 10%, e uma diminuição da mortalidade de 2% (EURACTIV, 2013).

Consideram-se, portanto, fatores importantes ao sucesso da implantação dos requisitos desta legislação:

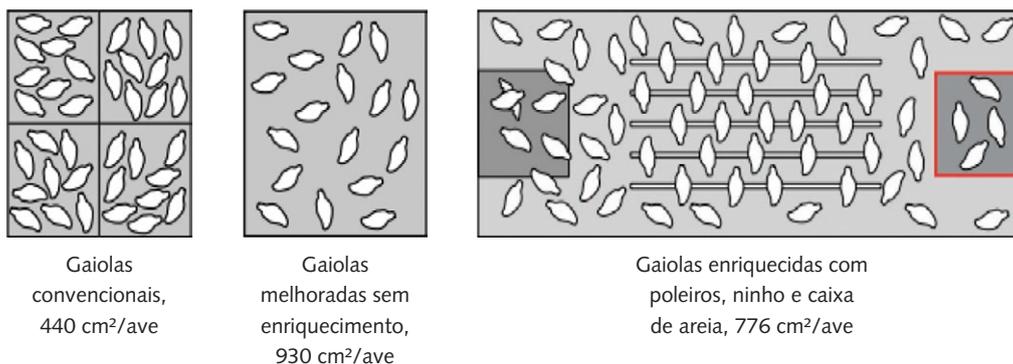
- A possibilidade de adequação gradual à legislação, facilitando o processo de transição, favorecendo a adesão dos produtores;
- O planejamento global da transição e regulamentação do mercado por parte de entidades de classe ou de governo, evitando-se o excesso (ou escassez) de produção;
- A realização de pesquisas para que se conheça o real comportamento dos animais e da produtividade dentro dos novos sistemas produtivos, municiando a cadeia produtiva para o planejamento e avaliação de cenários futuros.

Frente aos fatos históricos recentes expostos, deve-se considerar se estariam distantes de nós brasileiros, técnicos, produtores e consumidores os valores e recomendações desta Diretiva 1999/74?

Certamente o perfil socioeconômico e cultural do consumidor europeu difere muito do consumidor brasileiro, assim como sua estrutura de produção, logística e comercialização. Portanto, a demanda por parte da opinião pública europeia por técnicas de criação mais amigáveis ao bem-estar animal favorece a construção de um ambiente jurídico e comercial para o estabelecimento de legislação e normas que salvaguardem o bem-estar animal.

Segundo a CEE (2008) o BEA é um valor fundamental para os cidadãos da UE, pois em entrevistas realizadas pelo Eurobarômetro (2005-2006) as condições de bem-estar das galinhas poedeiras foram consideradas más por 58% dos entrevistados. Os dados mostram ainda que a maior parte dos consumidores da UE considera ter poder para influenciar as normas de bem-estar dos animais através de suas opções de compra.

Figura 1. Os diferentes modelos de gaiolas e espaços disponíveis



Diferentemente, a situação ainda é incipiente no Brasil, uma vez que, segundo pesquisas de Franchi et al. (2012), com base em 493 entrevistas realizadas em Piracicaba SP, embora 91,5% dos entrevistados acreditem que os animais possuam sentimentos, 60,4% não levam em consideração o BEA, no ato da compra. As características consideradas no ato da compra e de consumo de produtos de origem animal foram a qualidade (cor, odor, firmeza), o preço e a validade.

Em pesquisa sobre o ponto de vista do consumidor a respeito do bem-estar animal na produção de ovos, Pasion e Gameiro (2007a) identificaram que, no momento da compra, 37% dos consumidores não se importavam com o modo que os ovos eram produzidos, 32% consideravam se eram usados antibióticos na criação, 26% se preocupavam se os animais eram criados de forma cruel ou não e 5% afirmaram se preocupar com as questões acima, mas simplesmente não tinham acesso a esse tipo de informação para influenciar na sua compra.

Segundo Nordi et al. (2007) e Bonamigo et al. (2012), partindo de entrevistas realizadas em Curitiba PR e Franchi et al. (2012), a desinformação da sociedade com relação aos animais de produção tem sido um fator limitante para a implantação do conceito de bem-estar animal.

No entanto, segundo dados do Grupo Pão de Açúcar, rede de supermercados, no primeiro semestre de 2013, em comparação com o mesmo período em 2012, houve um crescimento em volume de ovos comercializados e em vendas de ovos caipiras e orgânicos, conforme Quadro 1. Ainda segundo esta mesma rede, durante a Semana do Ovo, quando são realizadas junto aos consumidores palestras veiculando informações sobre as benesses do ovo à saúde e sobre os sistemas de produção, ocorre um incremento de 20% nas vendas¹.

Depreende-se, portanto, que os trabalhos de conscientização e educação do consumidor sejam fundamentais para municiá-lo nas decisões de compra, pois sem o conhecimento sobre os níveis de produtividade, de industrialização e de bem-estar dos animais, não sabendo diferenciar e valorizar os diferentes sistemas de produção, o consumidor deixa de exercer a sua influência cidadã sobre o modo de produção dos mesmos.

Quanto aos aspectos de manejo passíveis de afetar o bem-estar das poedeiras os principais questionamentos referem-se à debicagem, espaço para alojamento dos animais e aspectos sanitários e de segurança de alimentos.

Embora devam ser realizadas pesquisas baseadas na realidade de produção nacional em avaliação de

Quadro 1. Comparação de vendas e volume de ovos comercializados no 1º semestre de 2012 e 2013

Tipo de ovo	Crescimento em volume	Crescimento em vendas
Ovos comuns	- 8%	20%
Ovos vitamínados	- 11%	10%
Ovos de codorna	82%	40%
Ovos caipiras (*)	22%	45%
Ovos orgânicos (**)	48%	46%

Fonte: Grupo Pão de Açúcar (2013)

(*) Registro segundo Ofício Circular / DIPOA nº 60/99 em 04/11/99

(**) Registro segundo Instrução Normativa 46, MAPA, em 06/11/2011.

ambiência, sanidade, condições econômicas e culturais de produtores e trabalhadores, logística de comercialização e lógicas de consumo, para conhecer-se a viabilidade de adoção das criações em gaiolas enriquecidas, em piso com e sem acesso às áreas externas, pode-se tomar como referência as seguintes abordagens da CEE (2008):

- Saúde animal e segurança de alimentos: as doenças infecciosas podem ocorrer em qualquer sistema de criação, mas a sua ocorrência difere devido às características de cada sistema quanto aos fatores ambientais, sistemas de gestão e medidas de higiene.

Enquanto nos sistemas de criação com acesso a áreas externas o contato com a fauna selvagem representa um risco para a saúde, nos sistemas indoors um fator de risco importante é a densidade de aves existente nos galpões, com ou sem gaiolas; aumentando a possibilidade de transmissão e proliferação de doenças.

Um estudo da UK Food Standards Agency (EFSA, 2005) não evidenciou diferença significativa na prevalência de contaminação de *Salmonella* ssp, em diferentes sistemas de produção (gaiolas, piso com cama, free range e orgânico) ao analisar 4.750 ovos. A prevalência foi estimada em 0,08% de *Salmonella* spp. por ovo, ou 0,34% por caixa de 6 ovos, o que perfaz, 1 em 290.

No Brasil, a prevalência evidenciada por Gama et al. (2003), trabalhando com 2.500 ovos em diferentes granjas, com aves em gaiolas, foi de 0,2% de *Salmonella* enteritidis e 2% de cepas não identificadas.

- Debicagem: a bicagem de penas constitui um problema grave e pode dar origem a lesões de pele,

¹ Palestra realizada no Workshop "Oportunidades de mercado para ovos caipira e orgânicos", Bastos SP, 6 de setembro de 2013.

canibalismo e mortalidade. Uma vez que os fatores predisponentes à bicagem de penas são o estresse, a ociosidade e condições inapropriadas de alojamento e manejo, a debicagem das aves será somente um paliativo, não levando à real resolução dos problemas.

O risco de bicagem de penas diminui quando os gestores são experientes e sabem detectar e manejar os fatores de risco como a intensidade de luz, predisposição genética, idade, maturidade sexual, nutrição, formato do alimento, disponibilidade de material para pastejo, oportunidades de aprendizado, disponibilidade de ninhos e poleiros e tamanho do lote.

Estudos como os de Kuenzel (2007) e Marchant-Forde et al. (2008) demonstram que a debicagem, independentemente do método utilizado, provoca dor intensa, redução da ingestão de alimentos e da taxa de crescimento por cinco semanas após o procedimento.

No entanto, Kuenzel (2007) demonstra que a injúria e dor devidas ao procedimento da debicagem, podem ser de curto prazo se o procedimento for realizado nas aves com até uma semana de vida, e a retirada for de menos que 50% do bico.

- Fraturas de ossos: são menos frequentes nas galinhas criadas em gaiolas enriquecidas e em sistemas alternativos, pois seus ossos são mais resistentes, devido à possibilidade das aves se movimentarem mais do que as criadas em gaiolas não enriquecidas.
- Alterações nas patas ou deformações do esterno: devem-se principalmente à concepção inadequada dos poleiros.
- Taxas de mortalidade: em algumas gaiolas melhoradas de grande dimensão ou nos sistemas alternativos, observam-se taxas de mortalidade mais baixas.

Com relação aos custos de produção dos diferentes sistemas no Brasil, os dados de Pasian e Gameiro (2007b), embora não contemplem os custos de criações em gaiolas enriquecidas (ainda não existentes no Brasil), corroboram os estudos da CCE (2008), sobre as margens brutas dos diferentes sistemas de criação.

Segundo Pasian e Gameiro (2007 b), o sistema de produção caipira é o que apresenta maiores lucros brutos por lote, uma vez que ele tem o seu custo de produção muito semelhante ao convencional, porém um preço de venda mais elevado. O sistema orgânico apresenta um lucro bruto menor por lote devido ao pequeno número de aves por lote, a despeito de seu preço de venda ser o mais alto do mercado. Considerando-se o

lucro bruto por ave alojada, tem-se os seguintes valores: R\$ 0,63, R\$ 1,86, e R\$ 1,87 para os sistemas convencional, caipira e orgânico, respectivamente.

Embora ainda haja carência de pesquisas e dados relativos ao desempenho de produção dos diferentes sistemas alternativos às gaiolas convencionais, frente à realidade brasileira, devemos ter em mente que, já em 2002 a CCE, através de comunicado ao Parlamento Europeu (CEC, 2002), considerava o surgimento de disparidades e desvantagens comerciais caso países terceiros não se submetessem aos mesmos requisitos de bem-estar animal impostos pela Diretiva.

Nos recentes protestos na França devidos também às questões de diminuição de subsídios às exportações, já foram questionadas as potenciais vantagens comerciais de países, como o Brasil, que possuem menor custo de mão de obra e legislação e normas ambientais e de bem-estar animal menos exigentes que as europeias (EURACTIV, 2013).

Não esperamos que haja uma adesão instantânea às normas de bem-estar animal, sob pena dos impactos econômicos como os custos de trocas de gaiolas ou readequação de galpões para produção em piso, a diminuição de volume de produto/m² e o conseqüente aumento de custo do produto final. Mesmo a União Européia, através da Diretiva 1999/74, estipulou um prazo de 12 anos para a adequação de suas produções.

No entanto, a evolução do mercado vai, mais cedo ou mais tarde, fazer com que produtores e técnicos passem a abordar de maneira mais flexível a proposta de incorporar os requisitos de bem-estar às suas práticas de produção, pois além da rápida evolução da demanda e exigências crescentes dos consumidores, estas práticas já tem se mostrado vantajosas na União Européia pelo aumento de produtividade e redução da mortalidade que veem propiciando.

BIBLIOGRAFIA

AVISITE. Baixa remuneração deixa produtores de ovos franceses em pé de guerra. ago. 2013. Disponível em <<http://www.avisite.com.br/noticias/index.php?codnoticia=14421>>. Acesso em: 15 out.2013.

BONAMIGO, A.; BONAMIGO, C. B. S. S.; MOLENTO, C. F. M. Atribuições da carne de frango relevantes ao consumidor: foco no bem-estar animal. Revista Brasileira de Zootecnia, v.41, n.4, p.1044 - 1050, 2012.

CTB WORLD. Catalogo de produtos. Disponível em <http://www.ctbworld.com/uploads/literature/chore_time/>

CTB_1804_1210SpecialtySystemsforLayersEM.pdf>. Acesso em: 10 out. 2013.

COMMISSION OF THE EUROPEAN COMMUNITIES – CEC. Communication from the Commission to the Council and the European Parliament on animal welfare legislation on farmed animals in third countries and the implications for the EU. Brussels, 2002. Disponível em: <http://ec.europa.eu/food/animal/welfare/references/2002_0626_en.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2011.

COMUNIDADE ECONÔMICA EUROPÉIA - CEE. Comunicação da Comissão ao Parlamento Europeu e ao Conselho sobre os diversos sistemas de criação de galinhas poedeiras, em particular os abrangidos pela Directiva 1999/74/CE, de 1 de agosto de 2008. Disponível em <<http://eurlex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=COM:2007:0865:FIN:PT:PDF>> Acesso em: 10 out. 2013.

COMUNIDADE ECONÔMICA EUROPÉIA - CEE .Resolução do Parlamento Europeu, sobre o sector comunitário das galinhas poedeiras: proibição das gaiolas em bateria a partir de 2012, de 16 de Dezembro de 2010. Disponível em <<http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=OJ:C:2012:169E:0129:0132:PT:PDF>>

Acesso em: 10 out. 2013.

EUROPEAN FOOD SAFETY AUTHORITY. Panel on Animal Health and Welfare (AHAW): the welfare aspects of various systems of keeping laying hens. The EFSA Journal (annex), v. 197, p. 1-23, 2005.

EURACTIV.COM. EU blamed for French egg crisis. ago. 2013. Disponível em <<http://www.euractiv.com/specialreport-agriculture/eu-blamed-french-egg-crisis-news-529798>>. Acesso em: 10 out. 2013.

FRANCHI, G.A.; SILVA, I. J. O.; GARCIA, P. R.; NUNES, M. L. A. Percepção do mercado consumidor de Piracicaba em relação ao bem-estar dos animais de produção. PUBVET, Londrina, v. 6, n. 11, ed. 198, art. 1325, 2012. Disponível em: <https://uspdigital.usp.br/siicusp/cdOnlineTrabalhoVisualizarResumo?numeroInscricaoTrabalho=412&numeroEdicao=19>>. Acesso em: 15 ago. 2012.

GAMA, N. M.S. Q.; BERCHIERI, Jr. A.; FERNANDES, S. A. Occurrence of Salmonella sp in Laying Hens. Revista Brasileira de Ciência Avícola, v. 5, n. 1, p.15-21, jan./abr. 2003.

KUENZEL, W. J. Neurobiological basis of sensory perception: welfare implications of beak trimming. Poultry Science, v. 86, n. 6, p.1273-1282, jun. 2007.

MARCHANT-FORDE, R. M.; FAHEY, A. G.; CHENG, H. W. Comparative effects of infrared and one-third

hot-blade trimming on beak topography, behavior, and growth. Poultry Science, v. 87, n. 8, p. 1474-1483, 2008. Disponível em: <<http://ps.fass.org/content/87/8/1474.full>>. Acesso em: 20 out. 2012.

NORDI, W.M.; SOARES, D. R.; STUPAK, E. C.; DANTAS, V. G. L.; MOLENTO, C. F. M. Percepção e atitude em relação ao bem-estar de animais de produção em Curitiba, Paraná In: XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE ZOOTECNIA - ZOOTEC, 2007, Londrina. Anais...Londrina: ABZ, 2007. 1 CD-ROM.

PASIAN, I. M. D. L.; GAMEIRO, A. H. A produção de ovos e o bem estar animal sobre o ponto de vista do consumidor. Anais. II Congresso Internacional de Bem-Estar Animal. CD-ROM. Rio de Janeiro: WSPA, 2007a.

PASIAN, I. M. D. L.; GAMEIRO, A. H. Mercado para a criação de poedeiras em sistemas do tipo orgânico, caipira e convencional. In: Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, 45, 2007, Londrina. Anais. Brasília: SOBER, 2007b.

UNIÃO BRASILEIRA DE AVICULTURA – UBA. Protocolo de bem-estar para aves poedeiras, 2008. Disponível em:<<http://www.uba.org.br>> Acesso em 12 de out. 2013.

UNIÃO BRASILEIRA DE AVICULTURA – UBA. Relatório anual 2013. Disponível em:<<http://www.ubabef.com.br/files/publicacoes/732e67e684103de4a2117dda9ddd280a.pdf>>. Acesso em: 22 de set. 2013.

A

N.R.

O Boletim APAMVET Volume 2 – Nº 3 – 2011 – páginas 14 a 17 publicou um artigo da autoria de Ad Bal e Natalie Berhkout sobre um novo método de criação de poedeiras “ Rondeel lança nova luz sobre alojamento de aves poedeiras”, diretamente ligado ao bem-estar das aves.



SUÍNOS

Bem-estar na criação de suínos

Dra. Telma Tucci
Itália

No volume 3 - Nº 1 - 2012, APAMVET publicou no seu Boletim o artigo “**É possível manter porcas prenhes fora da gaiola... por que não?**” Neste artigo, a autora, Dra. Telma Tucci, mostra de maneira irrefutável a vantagem financeira obtida no desmame dos leitões no sistema sem gaiolas. **A**

Por Leitão Desmamado em Euros			
Marrãs	Normal	Bem-estar	Diferença
Ração	9,46	9,27	0,19
Cobertura	1,00	0,91	0,09
Medicamentos	2,13	1,90	0,23
Reposição	2,03	1,90	0,13
Fixos	12,02	12,40	-0,38
Custo Total	26,64	26,39	0,25
Custo por Leitão Desmamado	26,75	26,28	0,48
Peso do leitão desmamado		5,95	

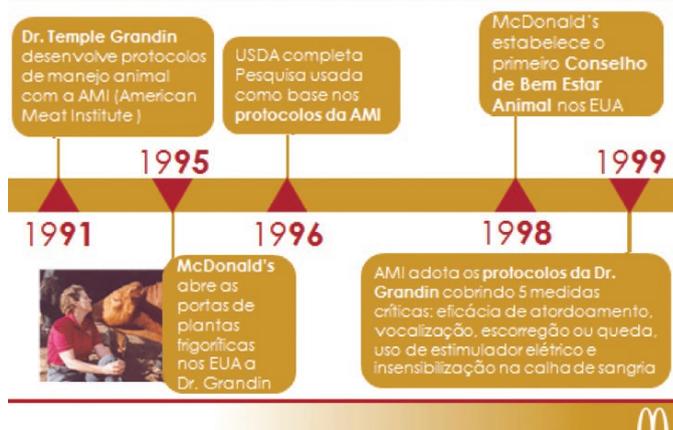
VISÃO DA INDÚSTRIA DE ALIMENTOS

Bem-Estar Animal no Sistema McDonald's

Gustavo Campos Soares de Faria
gustavo.faria@br.mcd.com

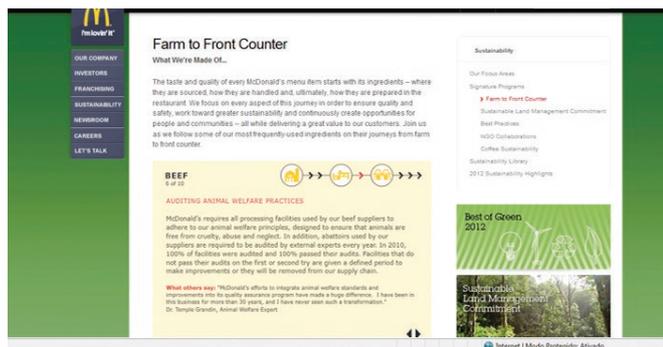
Bem-Estar Animal é um requisito básico do Sistema McDonald's. Desde 1998 temos um comitê específico somente para tratar temas relacionados ao BEA. Utilizamos como base as diretrizes recomendadas pela Dr. Temple Grandin, as quais cobrem 5 medidas críticas: eficácia de atordoamento, insensibilização na calha de sangria, vocalização, escorregão ou queda e uso de estimulador elétrico.

Um Legado de Compromisso



Todos os nossos fornecedores de produtos de origem animal são auditados anualmente por especialistas de empresas terceirizadas para manterem suas aprovações e os padrões de BEA esperados. Ou seja, se não há cumprimento destes requisitos, o fornecedor é suspenso até que as ações corretivas sejam implementadas efetivamente (a compra de matéria-prima é interrompida). Caso falhe novamente, esta planta de abate é retirada da lista de fornecedores aprovados.

Foram desenvolvidos procedimentos e check lists, harmonizados globalmente, para cada espécie animal.



Tradução livre do texto retirado do site: http://www.aboutmcdonalds.com/mcd/sustainability/signature_programs/farm_to_front_counter.html

McDonald's exige que 100% dos frigoríficos fornecedores de matéria-prima adiram aos princípios de Bem-Estar Animal e que sejam auditados anualmente por empresa terceirizada.

Comentários feitos por um especialista: "Os esforços feitos por McDonald's para atingir os standards de bem-estar animal e os melhoramentos para assegurar a qualidade de seus programas fazem uma grande diferença. Estou lidando com a questão de bem-estar animal por mais de 30 anos e nunca vi uma transformação tão grande."

Dr. Temple Grandin, especialista em bem-estar animal.

Um Legado de Compromisso



A Dr. Grandin esteve pessoalmente no Brasil em 2002 e 2007 treinando nossos fornecedores. Em 2011 foi realizada em Buenos Aires uma reunião teórico-prática com todos os fornecedores da América Latina, funcionários da Arcos Dourados e empresas de auditoria.

Um Legado de Compromisso



Em suma, BEA faz parte dos princípios que regem nossa cadeia de abastecimento. Acreditamos que nossos clientes merecem produtos de alta qualidade originados a partir de animais saudáveis e que tenham sido tratados e abatidos humanitariamente. **A**

Conservação de *Leontopithecus chrysopygus* na Floresta Nacional de Capão Bonito-SP

Rodrigo Pingo G. Lopez
Chefe do Departamento Técnico da FPZSP
jbcruz@sp.gov.br

Em parceria com o Instituto de Pesquisas Ecológicas (IPÊ) e a Universidade Federal de São Carlos, a Fundação Parque Zoológico de São Paulo tem trabalhado fortemente para a conservação do mico-leão-preto.

Os trabalhos que estão em desenvolvimento avaliam a variabilidade genética das populações de mico-leão-preto no município de Buri, bem como dos patógenos de interesse à medicina da conservação da espécie.

Os trabalhos *in situ*, realizados pelos técnicos do zoológico de São Paulo, contam com a localização dos animais, captura para colocação de rádio-colar, e a identificação dos pontos de dormida e captura do grupo. Após a captura os animais são levados para uma base móvel da Fundação que mantém os equipamentos necessários para anestesia, biometria, avaliação odontológica, e a coleta de diferentes tipos de material biológico tais como: fezes, sangue, pelos,

urina e sêmen. Após a coleta do material todo o grupo é solto no mesmo local de captura.

Até o momento foram identificados sete grupos de micos-leões, sendo dois grupos já capturados para amostragem.

Durante as campanhas, outras observações importantes sobre ecologia são levantadas para estimular o desenvolvimento de novos projetos com a referida população.

As campanhas de campo seguem uma periodicidade que variam de 15 a 30 dias, levando em consideração que a fitofisionomia do local dificulta o procedimento de captura por se tratar de espécies exóticas não condizentes com a vegetação nativa em que esta espécie ocorre.

Neste 3º trimestre as campanhas continuam e os técnicos da Fundação Parque Zoológico de São Paulo já estão engajados em novos projetos dentro deste Programa de Conservação da espécie *Leontopithecus chrysopygus*, para disseminar a Educação Ambiental com a comunidade escolar de Buri e Capão Bonito e a difusão científica destes trabalhos, uma vez que a popularização destes programas contribuem significativamente para a sensibilização e conscientização da população no que se refere à conservação da espécie e do bioma Mata Atlântica.



Exemplar de Mico-leão-preto anestesiado com isoflurano, sistema portátil de anestesia e coleta de sangue para hemograma, bioquímica e análise genética



28, 29 E 30 DE OUTUBRO 2014
LOCAL: CENTER NORTE



O “cuidar de animais” é uma das práticas mais conhecidas da Medicina Veterinária mas, como todos sabemos, ela não se restringe exclusivamente a este fator. O médico veterinário tem encarado cada vez mais desafios. Ele atua em setores de saúde pública por conta de ações de prevenção e controle de zoonoses e, por outro lado, se envolve em áreas de atuação voltadas à saúde humana onde promove a qualidade e a segurança de alimentos.

A SPMV em sintonia com os movimentos de mercado proporcionará em três dias de congresso o que há de mais moderno na medicina veterinária, no bem-estar animal e na saúde pública.

CONGRESSO PAULISTA DAS ESPECIALIDADES 2014 : os melhores profissionais nacionais e internacionais de cada uma das áreas da medicina veterinária compartilharão seu conhecimento, proporcionarão momentos de integração, troca de ideias, desenvolvimento e aperfeiçoamento profissional.

A SPMV, com a participação ativa de todos os seus colaboradores e parceiros, está comprometida em desenvolver e proporcionar um congresso de qualidade para a classe veterinária.

Nesta edição, temos uma importante parceria com o Conselho Regional de Medicina Veterinária do Estado de São Paulo (CRMV-SP) que se une ao Congresso Paulista das Especialidades e à Pet South America para proporcionar um conteúdo de vanguarda que unirá temas técnico-científicos, legislação, ética profissional, empreendedorismo, gestão de negócios com foco na valorização profissional do médico veterinário.

Se você, médico veterinário, busca atualização e forte conexão com o mercado, inscreva-se no Congresso Paulista das Especialidades e compartilhe com os melhores profissionais da área veterinária momentos enriquecedores em prol da nossa profissão e do setor.

Aguardamos por você,

Thomas Faria Marzano
Presidente do Congresso

A grande verdade é que nós, profissionais liberais, não estamos familiarizados com a atuação sindical, como estão outros profissionais, mormente aqueles ligados aos grandes e mais poderosos sindicatos. E isto não ocorre somente com os médicos veterinários, mas também com outros profissionais liberais, como os médicos, os odontólogos, os farmacêuticos, os engenheiros, e tantos outros, de profissões mais recentes.

Mas não existe um sindicato forte e atuante sem a participação de seus sindicalizados. Para fortalecê-lo e torná-lo benéfico à classe, é importante a contribuição sindical, porém muito mais importante é a participação efetiva dos profissionais, pois a união deles é que representa a verdadeira força do sindicato, particularmente nas ações reivindicatórias. E, como se dá essa participação? Informando sobre os problemas que ocorrem no exercício profissional, participando de assembleias que definem os rumos da categoria e de pleitos a serem exigidos nas negociações coletivas anuais, levando às autoridades competentes as análises e críticas dos profissionais eventualmente afetados por disposições contrárias aos dispositivos legais da justiça trabalhista, enfim, interferindo positivamente na vida, na ação e nos objetivos da entidade e do desempenho profissional do médico-veterinário.

Em suma, sindicalizar-se significa para o médico veterinário contar com um organismo estruturado juridicamente para defendê-lo durante o exercício de todos os segmentos de especialização da Medicina Veterinária. Ainda mais, quando as ações se processam entre partes cujas forças são desiguais, como ocorre quando um profissional é prejudicado de alguma forma ao exercer a profissão numa empresa ou no serviço público. Caríssimos Colegas, esperamos vê-los em breve no SINDIMVET ou receber suas notícias e informações pelo correio eletrônico.



**Unidos
somos fortes.**

11 3871 4713
contato@sindimvet.org.br

Algumas de nossas conquistas

JORNADA DE TRABALHO:

o profissional pode optar por trabalhar no regime de banco de horas desde que combinado com seu empregador. Visite nosso site para consultar o acordo coletivo celebrado a este efeito.

APRENDIZAGEM:

se V., recém-formado, sente necessidade de se aperfeiçoar, procure a empresa que poderia lhe proporcionar este aprendizado, propondo seu registro como TRAINEE. Veja no site do SINDIMVET a cláusula da CONVENÇÃO COLETIVA DE TRABALHO celebrada em 2013 e que permite esta modalidade.

POLÍTICA SALARIAL:

consulte nosso site para saber como nossos diretores estão lutando pelos direitos salariais dos médicos veterinários na Prefeitura de S.Paulo e no Estado.

VALORES REFERENCIAIS

DE HONORÁRIOS:

o SINDIMVET está montando uma comissão para estabelecer uma lista de valores referenciais de honorários. Entre em contato com o SINDIMVET e peça o esboço da lista que deverá ainda ser discutida com as Associações de Médicos Veterinários. V. pode ser um porta-voz do Sindimvet na sua região. Fale conosco.

CONTRIBUIÇÃO SINDICAL:

o empregador dos médicos veterinários assalariados deve recolher anualmente a contribuição sindical e ele o faz para qualquer sindicato. V. pode exigir que ele recolha esta contribuição para o SINDIMVET. Veja no site o modelo de carta que deve ser enviada ao empregador.